



CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS SOBRE O MITO DA FALA MARANHENSE

Antônio Luiz Alencar Miranda (UEMA/CNPq/FAPEMA)¹
antonioluiz_am@hotmail.com

Maria Cecilia Mollica (UFRJ/IBICT)²
ceciliamollica@terra.com.br

Marisa Beatriz Bezerra Leal (UFRJ/IM)³
marisaleal@im.ufrj.br

RESUMO: Este estudo faz uma análise das crenças e atitudes de falantes da cidade de Caxias em relação à existência do mito de que o maranhense fala o melhor português no Brasil. A pesquisa situa-se na área da Teoria da Variação. O estudo comprova a existência do mito, uma vez que os índices são maiores para a avaliação positiva do que para a negativa em todos os perfis de falantes. Portanto, ainda que a existência do imaginário se confirme no grupo estudado, é possível tratar-se de padrão que se perpetua de forma subjacente na maior parte da população do Estado e, por tradição ou mera intuição, reflete ainda a percepção e sensibilidade linguística de muitos brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças e atitudes; Variação; Mudança linguística.

ABSTRACT: This study is an analysis of the beliefs and attitudes of speakers in the city of Caxias in relation to the myth of the existence of the maranhense speaks better Portuguese in Brazil. The research lies in the area of Variation Theory. The study proves the existence of the myth, since the rates are higher for the positive assessment than for the negative in all the speakers profiles. Therefore, although the existence of the imaginary is confirmed in the study group, you can treat yourself pattern that perpetuates the underlying form in most of the state's population and, by tradition or mere intuition, still reflects the perception and linguistic sensitivity many Brazilians.

KEYWORDS: Beliefs and attitudes; Variation; Linguistic change.

1. Introdução

O presente trabalho focaliza as atitudes e as crenças manifestas por maranhenses sobre o falar local, com o objetivo de atestar a existência do mito no imaginário de um grupo de pessoas da cidade de Caxias, segundo o qual o falar do Maranhão é considerado o melhor se comparado aos demais no português brasileiro. Essa narrativa

¹ Antônio Luiz Alencar Miranda (UEMA/CNPq/FAPEMA) - antonioluiz_am@hotmail.com

² Maria Cecilia Mollica (UFRJ/IBICT) - ceciliamollica@terra.com.br

³ Marisa Beatriz Bezerra Leal (UFRJ/IM) - marisaleal@im.ufrj.br

coletivamente produzida parece estar ligada às questões histórico-culturais, dentre elas, a grande efervescência literária maranhense no século XIX, daí a denominação de Atenas Maranhense.

Desse modo, em consonância com o objetivo apresentado acima, apontamos a seguinte hipótese: Há um mito no imaginário que resulta em crenças e atitudes do maranhense falar o melhor português no Brasil.

Alguns trabalhos, a exemplo de Calvet (2002), Bagno (2002), Barbosa (2002), Feitosa e Feitosa (2005), Carneiro (2011) e Miranda (2014), referem-se ao mito da fala maranhense. O primeiro, ao tratar de estereótipos, refere-se à ideia segundo a qual há modos de bem falar a língua e outros que, em comparação, são condenáveis. São Luís é o exemplo do ‘bem falar’; o segundo apresenta argumentos linguísticos no sentido de negar o mito; o terceiro mostra a avaliação de informantes a favor da fala maranhense; o quarto atribui aos imigrantes de diferentes partes do Brasil e a vários continentes o falar autêntico maranhense; o quinto descreve alguns elementos relevantes associados ao referido imaginário; e o último investiga a existência do mito na comunidade de Caxias.

No entanto, os quatro primeiros trabalhos citados acima referem se, de alguma maneira, à questão do Maranhão como o lugar onde se fala o melhor português no Brasil, já o último tem por objetivo uma investigação que se proponha atestar a existência do mito, bem como explicar por que o maranhense fala melhor. Mesmo sabendo que linguisticamente não há uma língua ou variedade melhor ou pior, é importante sabermos a respeito da existência de tal mito na comunidade.

Utilizamos os princípios teórico-metodológicos da teoria da variação, cujos pilares se assentam nos trabalhos de Labov (2008 [1972b]). A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, que analisa o imaginário de 90 pessoas da cidade de Caxias em relação ao mito. Como explica Gil (1991, p. 81), “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo”. Foi realizada na amostra Caxiense, do projeto Atitudes Linguísticas dos Falantes do Maranhão – ALFMA. A estratificação dos informantes segue as seguintes características sociais: O sexo: masculino e feminino; anos de escolarização: sem escolaridade, ensino fundamental menor, ensino

fundamental maior, ensino médio; e ensino superior; e faixa etária: de 18 a 30 anos; de 31 a 49 anos; e de 50 anos em diante.

2. Crenças e Mito

A palavra mito, como discutiremos neste artigo, possui uma acepção diferente da utilizada nas sociedades primitivas e na mitologia ‘clássica’, que entendia o mito como narrativas tradicionais, dos tempos fabulosos ou heroicos. Esse significado ainda tem o seu lugar nos estudos atuais, no entanto, diferentes áreas de conhecimento, entre elas a Linguística, lançam mão da palavra mito, com um novo sentido, como o faremos mais adiante sobre o mito da fala do Maranhão como a melhor do Brasil; uma comunidade por assim entender possuir a melhor fala entre as demais do nosso português.

De acordo com Burkert (2001), a cultura grega era pensada e se impunha não como norma jurídica ou pela força, mas, acima de tudo, como forma artística e pelo domínio da mitologia ‘clássica’. Nessa visão, o autor diz que os mitos são narrativas tradicionais. Pelo fato de ser narração, o mito não nos é dado como texto fixo nem está ligado a formas literárias determinadas; pode ser artisticamente desenvolvido ou comprimido até ao mais seco resumo; pode aparecer em prosa, verso e canção ou mesmo em forma de palavras ou frases curtas.

O mito, na visão de Ullmann (1991, p. 195), “representa um fato concreto, acontecido, e fundamentado do mundo existente”. De modo que sua função, conforme escreve o próprio autor (1991, p. 201):

É a de que as pessoas de uma cultura ou subcultura compartilham, todas, da mesma maneira de pensar, dando uma coesão grupal. Os mitos justificam, fundamentam, reforçam e codificam as crenças e práticas de uma sociedade. São, em outras palavras, uma espécie de dogma para o mundo primitivo e civilizado. Haja vista o ‘dogma’ da superioridade racial, o do dinheiro, o do sexo, o do paraíso marxista, entre outros. Em vez de dogma gostaríamos dizer mundividência, modelo de ação e pensamento, que, por vezes, pode levar ao fanatismo, como o demonstra a história de tempos não mui remotos.

Na visão do autor, o mito é entendido como o modo em que as pessoas interpretam a vida e as coisas por meio das crenças e práticas comuns compartilhadas no grupo em que vivem.

Na visão de Barthes (1993, p. 131), o mito é uma fala, não uma fala qualquer porque há condições especiais para que a linguagem se transforme em mito. “O mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem”, é um modo de significação, uma forma, por isso não poderia ser um objeto, um conceito ou uma ideia. Por tratar de uma imagem realizada em vista de uma significação, Barthes (1993, p. 132) diz que “a fala mítica é formada por uma matéria já trabalhada em vista de uma comunicação apropriada”. Dessa maneira, por meio de uma comunicação adequada, a fala mítica torna-se matéria pronta, uma forma para ser compreendida em uma comunidade.

Segundo Goldgrub (1995, p. 79), o mito pertence à linguagem e “é pela palavra que ele se nos dá a conhecer, ele provém do discurso” e acrescenta que “a substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na história que é relatada” (id. *ibid.*). Na interpretação de Goldgrub, o mito se define como uma forma peculiar de enunciado, exigindo uma metodologia específica capaz de atingir sua dimensão semântica. Daí exigir que o mito seja desmembrado em frases “o mais curtas possíveis”, porque o sentido dos mitos deve ser buscado na combinação dos elementos e não nos elementos isoladamente.

Na mesma perspectiva de Barthes (1993) e de Goldgrub (1995), Siqueira (2007, p. 79) sustenta que “o mito é uma fala, um discurso, uma narrativa coletivamente produzida e que visa a instaurar uma ordem ainda que inúmeras contradições estejam presentes e em jogo”.

A nova acepção do termo mito ganha lugar quando o assunto é preconceito. Os Parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1998, p. 31), quando trata do ensino da escrita e da língua padrão, reconhecem que:

A escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma ‘correta’ de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala ‘correta’ é a que se aproxima da escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso ‘consertar’ a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

Essas crenças insustentáveis produziram uma prática de mutilação cultural que além de desvalorizar a fala que identifica o aluno a sua comunidade, como se esta fosse formada de incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde a

nenhuma de suas variedades, por mais prestígio que uma delas possa ter.

Observamos que para os Parâmetros curriculares nacionais os mitos citados são entendidos como crenças falsas que existem na escola e que precisam ser trabalhadas de modo a permitir aos alunos a escolha da forma de falar, considerando as características e condições do contexto de produção.

Bagno (2002, p. 13) diz que “o preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui”. Nessa passagem, percebemos que o autor retoma a ideia do mito quando fala de afirmações negativas ou falaciosas sobre o falante e a própria fala e acrescenta que “são na verdade, mitos e fantasias que qualquer análise mais rigorosa não demora a derrubar”.

Do exposto, podemos entender o mito como uma fala, um discurso, uma narrativa oral espontânea, emanadas de crenças e atitudes de uma comunidade, podendo ser negativas ou positivas.

Concluimos, portanto, que há crenças negativas como as de preconceito formado de atitude discriminatória e crenças positivas que buscam enaltecer uma fala em detrimento de outra(s). Por fim, o estudo sobre a temática do mito mostra a relação de significado que o termo pode assumir em diferentes contextos e situações diversas. E, neste trabalho, interessa-nos o mito da fala maranhense como a melhor do português do Brasil.

3. Crenças e atitudes linguísticas

A partir da década de 60, com Lambert et. al. (1960), os estudos sobre atitudes linguísticas ganham ênfase e sistematização na avaliação dos falantes, ao refletir sobre as atitudes subjacentes dos ouvintes. O propósito era analisar as reações dos ouvintes na avaliação de jovens canadenses falantes das variedades do inglês e francês em Montreal. Para conseguir isso, os pesquisadores usaram uma passagem em prosa em francês e uma tradução em inglês. Os falantes ouviram as versões em inglês e francês da passagem e, após cada exposição de leitura, eles atribuíam uma avaliação. O resultado evidenciou



que ambos os entrevistados do inglês e francês avaliaram as versões favoráveis dos falantes acerca do inglês em diversas características, incluindo bondade e inteligência, não se dando conta de que se tratava do mesmo leitor do texto. Isso induziu à conclusão de que as amostras de fala provocaram nos ouvintes atitudes que eles associaram ao idioma do leitor que ouviram e avaliaram e, nesse caso, o inglês canadense teve a avaliação mais positiva. Esse experimento passou a ser conhecido como *matched guise* (disfarces combinados).

O experimento dos disfarces combinados possibilitou, de acordo com Cargile e Giles (1997), elicitar as atitudes linguísticas e/ou sociais sobre uma determinada língua ou dialeto tomando como base uma lista de adjetivos ‘polares’, como: “bom – ruim”, “simpático – antipático”, “agradável – desagradável”, e assim por diante, com o intuito de observar as reações de outras pessoas a respeito dessas características ou variações.

Cargile e Giles (1997) reconhecem que a língua é uma poderosa força social que além de informar, permite que os ouvintes possam reagir à variação linguística e paralinguística em mensagens como se eles indicassem ambas as características pessoais e sociais do falante. Por exemplo, um americano pode achar um indivíduo "culto" e "refinado" simplesmente porque o sotaque é considerado britânico. Isso ocorre porque tais crenças sobre o uso da linguagem podem influenciar na interação social e, muitas vezes, em importantes contextos sociais em que a tomada de decisão é necessária, as atitudes linguísticas representam importantes fenômenos comunicativos para explorar. Dessa forma, estão relacionadas às manifestações positivas ou negativas que os falantes reagem em relação à fala dos outros indivíduos ou à própria fala.

Lambert (1967) entende que a atitude se constitui de três componentes colocados no mesmo nível: o componente cognoscitivo, de saber ou crença implicando convicções sobre o mundo; o componente afetivo, de valoração alicerçada em juízos de valor e de sentimentos relativos acerca do objeto; e o componente comportamental, de conduta ou predisposição comportamental propriamente dita. Os elementos dessas atitudes estão relacionados aos sujeitos que pensam, sentem e ao modo como reagem mediante a exposição de estímulos linguísticos que lhes são apresentados. Lambert e Lambert (1975, p. 100) definem a atitude como “uma maneira organizada e coerente de pensar,



sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente”.

A definição de atitude ora apresentada, assim como outras já apontadas acima evidenciam que, para termos uma compreensão de atitudes linguísticas, é importante incorporar o estudo de crenças, porque ambos os termos estão inter-relacionados.

Santos (1996), ao relacionar crenças e atitudes, afirma que crença seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza, e que atitude seria uma disposição, propósito ou manifestação de intento. Ao assumir uma ou mais crenças acerca do objeto, o indivíduo adota uma atitude em relação a ele, avaliando-o.

Segundo Cargile e Giles (1997), é amplamente reconhecido que as atitudes incluem não só o aspecto cognitivo baseado em reações a um objeto de atitude (por exemplo, 'essa pessoa parece inteligente'), mas também aos *sentimentos* sobre o objeto de atitude (por exemplo, 'o sotaque dessa pessoa me irrita'). Embora o foco maior de interesse sejam as crenças, há a necessidade, no entanto, de incluir no estudo de atitudes, além das crenças, as reações afetivas e comportamentais dos falantes.

Na visão de Richards e Schmidt (2002), as crenças, no âmbito da Linguística, estão relacionadas às ideias que os falantes têm sobre os mais diferentes aspectos de uma língua e que podem influenciar suas atitudes em relação a ela. Definem também as atitudes linguísticas como “as atitudes que os falantes de diferentes línguas ou variedades linguísticas têm no que concerne às línguas faladas por outras comunidades idiomáticas ou à sua própria língua”.

As respostas verbais em relação ao objeto atitudinal traduzem-se em afirmações verbais das crenças quando cognitivas, em afirmações de afeto quando afetivas, e em afirmações verbais relacionadas com ações num nível comportamental. No entanto, apesar destas expressões em diferentes domínios, todas elas têm, segundo Morales e Moya (1994), um ponto comum: traduzem uma avaliação em relação ao objeto atitudinal.

Mollica (1995) estudou o modo como o carioca reage em relação a sua fala. O objetivo era mostrar evidências que pudessem comprovar uma coerência entre o que os falantes percebem e a forma como avaliam a língua que produzem. A pesquisa buscou

conferir a sensibilidade e o grau de estigmatização dos fenômenos de concordância nominal e verbal correlacionada à alternância de uso entre *nós / a gente* e ao emprego de pronomes anafóricos e construções de tópico. Após audição dos pares de sentenças, os informantes teriam que responder *sim/não* para o teste de percepção, e *correto/não correto*, para o teste de avaliação das estruturas. Em suas conclusões, Mollica (1995) ratifica o nível de responsabilidade dos fatores externos e internos à língua sobre as percepções e avaliações que os falantes possuem das construções que falam, que produzem, que imitam. Há evidências, portanto, de certa equivalência entre determinado perfil sociolinguístico dos indivíduos, suas crenças e atitudes linguísticas.

Cyranka (2007) investigou as crenças dos professores de português e dos alunos de oitava série do Ensino Fundamental em relação à concepção de língua, linguagem e variação linguística e as atitudes dos mesmos alunos em relação à variedade linguística que utilizam e que podem configurar um caso de prestígio encoberto. Os resultados mostraram alunos em conflito entre a aprovação de sua variedade linguística no teste de atitude e a declaração de que não sabem escrever nem falar bem no teste de crenças. Os alunos mostraram-se inibidos em relação ao uso de sua própria língua e condicionam o desenvolvimento dessas competências a crenças equivocadas, como aprender regras de gramática e de ortografia. De modo semelhante, 40,9% dos professores apresentaram a crença de que para escrever direito, deve-se aprender gramática. No teste de atitudes, o estudo revelou uma identificação de todos os alunos com a variedade *rurbana*, intermediária entre a *rural* e a *urbana* e, no julgamento das falas, registrou que os adjetivos da dimensão de ‘solidariedade’, ou seja, com o comportamento linguístico de seu grupo, apresentaram os maiores índices do que com a dimensão de ‘poder’, ou seja, identificação que a variedade culta representa.

Os estudos de Labov (2008, [1972b]) na comunidade de Martha’s Vineyard, ao investigar a diferença fonética na realização dos ditongos /ay/ e /aw/, descobrem a importância da atitude dos falantes relacionada à variável social aos que queriam manter-se na ilha e aos que queriam dela sair em busca de emprego. Labov conclui, então, que o significado da altura do primeiro elemento dos ditongos /aw/, a julgar pelo contexto em que ocorre, é uma atitude positiva em relação à comunidade. Isso permitiu

ao linguista classificar a atitude em três categorias: positiva, quando exprime sentimentos positivos acerca do objeto; negativa, quando manifesta sentimentos negativos em relação ao objeto; e neutra, quando não expressa sentimento nem positivo nem negativo acerca do objeto.

4. Descrição e análise da avaliação das crenças e atitudes

Descrevemos e discutimos, nesta seção, os resultados da avaliação das crenças e das atitudes linguísticas da amostra Caxiense (2014). A análise será realizada na pergunta feita ao falante se o maranhense falava o melhor português.

Os resultados da avaliação das crenças e das atitudes são apresentados em tabelas, na correlação com as variáveis sociais: sexo, escolarização e faixa etária dos informantes. Os dados são apresentados nas tabelas 1, 2 e 3.

Tabela 1 – Atitude/crenças dos informantes da amostra Caxiense por faixa etária.

Faixa etária	1 ^a		2 ^a		3 ^a	
	Aplic/total	%	Aplic/total	%	Aplic/total	%
Positiva	18/30	60	21/30	70	20/30	66,7
Negativa	11/30	36,7	8/30	26,7	8/30	26,7
Neutra	1/30	3,3	1/30	3,3	2/30	6,6
Total	30/90	100	30/90	100	30/90	100

Os resultados mostram que os falantes avaliam positivamente a fala maranhense como a melhor do país, com percentuais de 60% referente à primeira faixa etária, taxa de 70% para a *segunda* e percentagem de 66,7% para a *terceira*. É importante ressaltar que, em todas as idades, os percentuais ultrapassam 60%, indícios de crenças e de atitudes, motivo pelo qual sustenta ainda hoje o imaginário sobre a fala local.

A avaliação negativa apresenta valores mais baixos em todas as faixas: na *primeira*, com percentagem de 36,6%; na *segunda* e *terceira* com taxa de 26,7%. No entanto, a avaliação neutra aparece com frequência de 3,3% na *primeira* e *segunda* faixa

e de 6,6% de percentual na *terceira*. Esses resultados comprovam a hipótese sobre o mito no imaginário maranhense. Isso indica, entre os falantes investigados, que o mito ainda perpetua no imaginário, com a menor percentagem de 60% para os mais jovens.

Tabela 2 – Atitude/crenças dos informantes da amostra Caxiense pela escolarização.

Escolari- zação	Sem escolarização		Ens. Fund. menor		Ens. Fund. maior		Ensino médio		Ensino superior	
	Ap/tot	%	Ap/tot	%	Ap/tot	%	Ap/tot	%	Ap/tot	%
Positiva	12/18	66,6	14/18	77,8	10/18	55,6	13/18	72,2	9/18	50
Negativa	3/18	16,7	4/18	22,2	8/18	44,4	4/18	22,2	9/18	50
Neutra	3/18	16,7	---	---	---	---	1/18	5,6	---	---
Total	18/90	100	18/90	100	18/90	100	18/90	100	18/90	100

Observamos na tabela 2 que a avaliação do falante quanto à escolarização é positiva, com maiores valores para todos os níveis de escolaridade. O fator *ensino fundamental menor* lidera com percentual de 77,8%, o *ensino médio* com taxa de 72,2%, sem escolarização aparece com percentagem de 66,6%. As menores frequências de avaliação positiva ficaram com 55,6% para o *ensino fundamental maior* e o *ensino superior* com taxa de 50%. É prudente destacar que nenhuma escolarização aparece com percentual abaixo de 50% para avaliação positiva, apontando que, independente do falante frequentar ou não a escola, o mito da fala maranhense permanece solidificado no imaginário da comunidade.

A avaliação negativa é aferida com maiores percentuais para o *ensino superior*, com 50%, e para o *ensino fundamental menor* com frequência de 44,4%. O *ensino médio* e o *ensino fundamental menor* apresentam taxas de 22,2% e o fator *sem escolarização*, percentagem de 16,7%. Apresentam resultados para a avaliação neutra o fator *sem escolarização*, com taxa de 16,6%, e o *ensino médio*, com percentagem de 5,6%, um bom indicativo da manifestação dos falantes sobre crenças e atitudes acerca

da própria fala. É procedente acrescentar que a variável escolarização também contribui para a confirmação da hipótese do mito neste trabalho.

Tabela 3 – Atitude/crenças dos informantes da amostra Caxiense pelo sexo.

Sexo	Masculino		Feminino	
	Aplic/total	%	Aplic/total	%
Avaliação				
Positiva	30/45	66,7	28/45	62,2
Negativa	15/45	33,3	13/45	28,9
Neutra	---	---	4/45	8,9
Total	45/90	100	45/90	100

Como é perceptível na tabela 3, a avaliação positiva é superior às demais nos dois fatores da distribuição. O fator *masculino* apresenta percentual de 66,7% e o *feminino*, 62,2%. Os resultados desse fator ratificam os índices fortes da variável *faixa etária* e da *escolarização*, já explicitados anteriormente. A avaliação negativa apresenta percentagem estimada de 33,3% para o *masculino* e taxa de 28,9 para o *feminino*. A avaliação neutra é manifestada apenas no fator *feminino*, com percentagem de 8,9%. Podemos concluir que os dados probabilísticos dos três fatores sociais em distribuição com a avaliação pelos falantes favorecem a manifestação de crenças e de atitudes em direção ao mito no imaginário maranhense.

Baseando nos resultados acima, apresentamos alguns exemplos de fala que merecem destaque. Quanto à avaliação positiva, assim se manifesta a informante 4, da 1ª faixa etária, ensino superior e do sexo feminino:

Acho que o Maranhão é um dos lugares, assim, que o pessoal mais fala bem, a linguagem do falante mesmo é muito bonita.

Compartilha da resposta análoga à anterior, a informante 68, da 3ª faixa etária, ensino fundamental maior e do sexo feminino:

Eu acho assim que a fala maranhense tem o português mais explicado né? Porque por onde já andei por aí Bahia, Pernambuco, São Paulo, Manaus eles falam diferente de nós.



Eles puxam muito o 's'. São Paulo é muito o 'r'. Pernambuco 'r' também e por onde já andei o melhor português é do Maranhão.

As falas das informantes manifestam crenças e atitudes linguísticas positivas ao avaliar favoravelmente a própria fala, declarando que o Estado do Maranhão fala o melhor português. No primeiro excerto, é possível observar a atitude afetiva, lealdade à própria fala, além de ser a melhor, é também a mais bonita. No segundo trecho, o informante manifesta também consciência pontual ao dizer que os falantes de outros estados falam diferente, puxam o /s/ e /r/, especificando a variante interdialeto. Essa reação conativa é uma atitude de reforço em favor da própria fala.

O informante 47, da 3ª faixa etária, do ensino médio e do sexo feminino manifesta a crença, reforça o mito, mas especifica apenas a capital São Luís como a melhor.

Dependendo da região, por exemplo, *o maranhense da ilha* eles falam muito bem, mas não é em todo o lugar do Maranhão não.

Quanto à avaliação negativa, assim se expressa o informante 5, da 1ª faixa etária, ensino superior e do sexo masculino:

Não, a gente pode dizer que o Maranhão é um Estado, assim, que usa menos gírias tentando modificar as gírias que ocorrem no estado do Rio de Janeiro, São Paulo, as pessoas usam mais gírias do que as palavras ditas certas pela gramática.

O falante manifesta atitude cognoscitiva negativa ao negar que a fala maranhense é a melhor, mas manifesta reação favorável ao valorizar o uso de poucas gírias na mesma fala. É importante destacar que ocorre atitude conativa, por construir estereótipo, quando manifesta seus conhecimentos acerca do próprio dialeto em relação à fala de outros estados do Brasil.

Em suma, os falantes indicaram o falar sem gírias, a expressão e o falar mais bonito como os motivos que garantem um falar melhor, como prestígio e marca do dialeto maranhense.

Conclusão

Os resultados referentes à aplicação das entrevistas confirmam que há um imaginário sobre a fala maranhense que não corresponde aos usos reais dos seus



falantes. Os percentuais, nas três variáveis sociais, escolarização, sexo e faixa etária investigados, mostram que os informantes avaliam positivamente a fala maranhense como a melhor, expondo indícios fortes de crenças e atitudes acerca do mito, motivo pelo qual sustenta o imaginário sobre a fala local. Desse modo, os resultados confirmam a hipótese, entre os falantes investigados, de que o maranhense fala o melhor português.

Seguindo as orientações de Lambert (1967), Lambert e Lambert (1975) e Cargile e Giles (1997) para os três componentes da atitude, a análise evidencia que os informantes manifestam avaliação positiva, a partir da crença que é no Maranhão onde fala bem, da atitude afetiva de lealdade, em relação à própria fala, avaliando-a como a mais bonita. Quando se trata da fala de outros estados, os informantes avaliam negativamente, manifestam atitude conativa ao dizerem que os falantes de outros estados falam diferentes, pontuando a fala com características como, por exemplo, puxam muito o 's', o 'r'.

Os resultados mostram que o mito está relacionado às crenças e às atitudes dos informantes acerca de expressões como *falar sem gíria, falar bem, o modo de falar, a expressão, o falar mais bonito, falar muito bem, o português mais explicado, linguagem muito bonita*. No entanto, essas tais expressões não são exclusivas do dialeto maranhense e nem encontram, linguisticamente, respaldo científico para se firmar como a melhor em se comparando com as outras variedades do português brasileiro.

Por fim, mesmo que a pesquisa tenha sido realizada com uma pequena parcela da população, constituindo-se um estudo de caso, é possível assegurar que o mito sobre a fala maranhense existe de forma subjacente, no imaginário dos falantes que compõem a comunidade investigada. Encontra-se também na maior parte do estado do Maranhão e, por tradição ou mera intuição, ainda reflete a percepção e a sensibilidade linguística de muitos brasileiros.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.



- BARBOSA, Adriana de Oliveira. **Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP, 2002.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 9 ed. Rio de Janeiro – RJ, Editora Bertrand Brasil S.A., 1993.
- BRASIL**, Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. 1998.
- BURKERT, Walter. **Mito e mitologia**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa – Portugal, Edições 70, 2001.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARGILE, Aaron C.; GILES, Howard. **Understanding language attitudes: exploring listener affect and identity**. Great Britain, Elsevier Science Ltd. *Linguagem & Comunicação*, vol. 17, n.º 3, p. 195-217, 1997.
- CARNEIRO, Honorina Maria Simões. **As formas de tratamento tu/você no português falado ludovicense**. 147 f. Tese (Doutorado em linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2011.
- CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- FARACO, C. A. **The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion**. Tese de Doutorado. University of Salford, 1982.
- FEITOSA, Antonio Cordeiro; FEITOSA, Márcia Manir Miguel. Subsídios geográficos para o Atlas Linguístico do Maranhão. **Revista do GELNE (UFC)**, Fortaleza, v. 4, n.1/2, p. 198-200, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GOLDGRUB, Franklin. **Mito e fantasia: o imaginário segundo Lévi-Strauss e Freud**. São Paulo Ática, 1995.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b. *Padrões sociolinguísticos*. (Tradução Marcos Bagno, Marta Maria Pereira Scherre e Caroline Cardoso) São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972b].
- LAMBERT, Wallace. E. **A social psychology of bilingualism**. *Journal of social Issues*, 23, p. 91-109, 1967.
- LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia social**. 4 ed. revista e ampliada. Trad. Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- LAMBERT, W. HODGSON, R., GARDNER, R. and FILLENBAUM, S. **Evaluational reactions to spoken languages**. *Journal of Abnormal and Social Psychology* 60, p. 44-51. 1960.



- LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.
- MIRANDA, Antônio Luiz Alencar. **Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu**. 2014. 157 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.
- MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). **Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões linguísticos**. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1995.
- MORALES, J.F. & MOYA, M., Procesos Interpersonales. In: MORALES, J. F. & COLS. (Org.), **Psicología Social**. Madrid: McGraw-Hill Interamericana de España, p. 393-491, 1994.
- MORENO FERNÁNDEZ. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona, Ariel. 1998.
- RICHARDS L. C.; SCHMIDT, R. **Longman dictionary of language teaching & applied linguistics**. Edinburg Gate: Pearson Education Limited, 2002.
- SANTOS, Emmanoel dos. **Certo ou errado?: Atitudes e crença e no ensino de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ghaphia, 1996.
- SIQUEIRA, Euler David. **Antropologia: uma introdução**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação à Distância, DPEAD, Sistema Universidade Aberta do Brasil, 2007.
- ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Antropologia: o homem e a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1991.

Recebido Para Publicação em 22 de outubro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 30 de novembro de 2019.